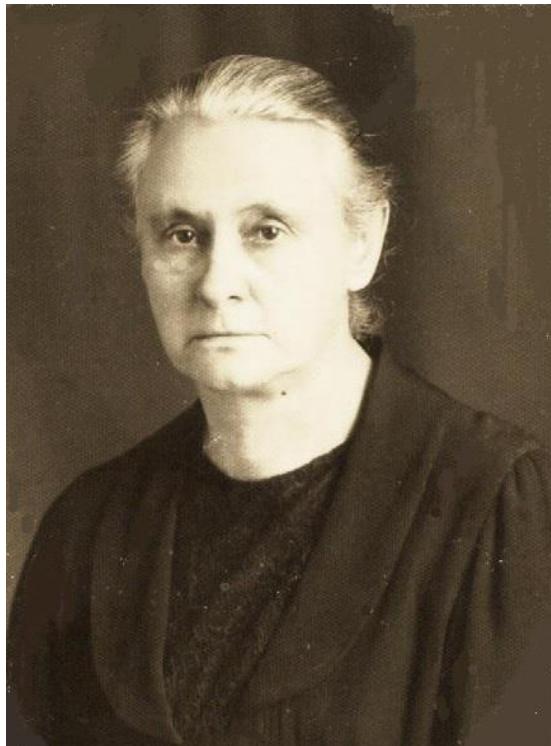


Mulheres no Contestado I

Sinira Damaso Ribas

No tema, Mulheres no Contestado I, meu enfoque é sobre uma senhora da população civil, que se viu envolvida no conflito.



Vou contar a história de Maria Peters da Silveira, (1881–1967), nascida em Bela Vista do Sul SC, descendente de imigrantes alemães.

Maria era irmã gêmea de João, nascidos em 1881. É filha de João Peters, alemão chegado criança a Rio Negro, em fevereiro de 1829 e de Rosa Peters, por sua vez, filha de Suzana e Jacob Peters. Suzana era filha de Suzana Maria e João Stresser, chegados também em Rio Negro em 1829. Criou-se em Bela Vista do Sul (hoje Mafra), numa família numerosa, envolvida nas lides campeiras e lavoura. As meninas preparavam-se para serem donas de casa e boas mães de família. A família era católica e repassava aos filhos a rígida educação que trouxe do berço da longínqua Alemanha. Casou-se com Luís Damaso da Silveira Filho (1873 – 1938), morador de Bela Vista do Toldo SC, nascido na Lapa PR.

Maria era uma mulher alta, meiga, de traços delicados, culta, lia muito. Estava sempre de vestido longo e na mocidade usava espartilho.

Para andar a cavalo, as mulheres sentavam-se de lado, sobre o selim e o vestido era estendido sobre a garupa do animal.

O casal Luís e Maria veio morar na localidade de Salceiro, nas proximidades de Canoinhas, já no início do século passado. Ali construiu casa de morada, com amplos galpões e celeiros com atividades em agricultura de subsistência, criação de gado e suínos.

Marica assumia o encargo do trabalho com vacas de leite, horta, jardim, e criação dos filhos. Contava para isso com a preciosa ajuda de uma serviçal e já com as meninas mais velhas para cuidarem dos irmãos pequenos. Era uma dona de casa dinâmica e prendada. Com a abundância de leite que se produzia, fazia queijos, que eram vendidos em Canoinhas. Para isso, uma vez por semana, Marica chamava os meninos para atrelarem um animal em sua charrete e lá ia ela, com algumas crianças menores até à cidade, vender queijos curados, ovos, requeijão, nata e leite fresco.

Em janeiro de 1912, Marica, com apenas 31 anos, já tinha os filhos, Rosa, Vitório, Davino, Hercílio, Anita e João Batista.

Iniciava-se o ano de 1912, e Maria, já em 15 de fevereiro, pariu o seu 7º filho, o pequeno Jair. Numa madrugada, quando o bebê estava com 17 dias, a família foi acordada com o aviso de que caboclos revoltosos estavam aproximando-se do Salceiro e era preciso tomar providências para não perecer.

Dias antes Luisinho já soubera que em Canoinhas, alguns revoltosos andavam fazendo motins na localidade. Muita gente estava sendo injustiçada por ação de desapropriações e desmando de alguns chefes da Lumber. As autoridades mostravam-se omissas e alguns líderes da comunidade colocavam-se a favor dos injustiçados rebeldes.

Em 1910, a Souther Brazil Lumber and Colonization Company, instalou-se em Três Barras e construiu ramais ferroviários que partiam do pátio da serraria e rasgavam densos pinhais, prejudicando muitos posseiros e proprietários que há muito viviam no planalto.

A região era habitada por descendentes de alemães, imigrantes poloneses e na grande maioria pelos caboclos nativos ou operários da Lumber.

Com o conhecimento do perigo iminente, Luís e Maria tomaram seus filhos, alguns pertences e saíram de casa, pelos fundos da propriedade, de barco, através do rio Canoinhas. Navegaram até certo ponto e depois a cavalo rumaram por terra a Bela Vista do Sul para refugiarem-se junto aos familiares Peters.

Entre as peripécias da viagem consta que o bebê Jair caiu do cavalo, mas nada de pior aconteceu porque estava envolto em mantas e muito bem acondicionado nos tradicionais cueiros e faixas de antigamente.

A casa da família Damaso da Silveira, no Salceiro foi saqueada pelos jagunços, que dela levaram tudo e inclusive animais e víveres dos celeiros. Para completar o quadro de destruição a casa foi queimada e só sobrou a chapa do fogão jogada dentro de um poço.

Imaginemos a angústia que passou a família com 7 filhos, quase sem roupas, sem cobertas, sem móveis e sem casa. O importante é que ninguém pereceu.

Maria foi muito forte nesta adversidade e encontrou abrigo em Bela Vista do Sul, no seio da família Peters. O mesmo aconteceu com Luís, que foi ajudado pelos irmãos e pelos pais, moradores em Bela Vista do Toldo, nesta triste circunstância.

Era gente de pulso firme e não se deixou abalar.

A família de Maria e Luizinho Damaso ficou por vários meses em Bela Vista do Sul e o bebê Jair Damaso da Silveira só foi batizado em Canoinhas, pelo Frei Menandro Kamps em meados de agosto de 1912, quando a família regressava do exílio.

Reconstruíram sua casa de morada no Salceiro, ainda maior e melhor, um casarão, hoje restaurado e tombado para preservação.

Dona Marica Damaso, como era conhecida, ainda teve mais uma filha, Alaíde, e vivenciou até 1915, os horrores da época da revolta do Contestado.

O casal teve ainda a desdita de ver seu pai e sogro decapitado por integrantes de um piquete de rebeldes em Bela Vista do Toldo em 27 de julho de 1915, juntamente com 11 moradores. Era o comerciante octogenário Luís Damaso da Silveira.

O conflito terminou em 1916 e a vida voltou ao normal.

Maria Peters da Silveira foi um exemplo de mulher.

P.S. Escrevi Mulheres do Contestado II que conta a saga de Chica Pelega e Mulheres do Contestado III que conta a história de Manoela \$ Manoelinha